

**TODOS os
PECADORES
SANGRAM**

AMOSTRA

S.A. COSBY

TODOS OS
PECADORES
SANGRAM

Tradução de
NATHALIA MARQUES



ALTA
NOVEL

Rio de Janeiro, 2025

Todos os Pecadores Sangram

Copyright © 2025 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2023 S. A. COSBY

ISBN: 978-85-508-2405-5

Translated from original All The Sinners Bleed. Copyright © 2023 by S.A. Cosby. ISBN 9781250831910. This translation is published and sold by arrangement with Flatiron Books, the owner of all rights to publish and sell the same PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2025 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

C834t

1.ed. Cosby, S. A.

Todos os pecadores sangram / S. A. Cosby ;
tradução Nathalia Marques. – 1.ed. –
Rio de Janeiro : Alta Books, 2025.
352 p. ; 13,5 x 21 cm.

Título original: All the sinners bleed.
ISBN 978-85-508-2405-5

1. Ficção norte-americana. I. Marques,
Nathalia. II. Título.

04-2025/01

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Gerência Comercial: Claudio Lima

Coordenadora Editorial: Illyabelle Trajano

Produtora Editorial: Beatriz de Assis

Tradução: Nathalia Marques

Copidesque: Sara Orofino

Revisão: Carlos Bacci

Diagramação: Marcos Diego Santos

Capa: Karma Brandão


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Para meu irmão, Darrell Cosby.
O que sabemos, só nós dois poderíamos saber.

AMOSTRA

Não é necessário acreditar em uma fonte
sobrenatural do mal. Os homens são, por si
mesmos, capazes de toda a maldade.

— JOSEPH CONRAD

Eis que faço novas todas as coisas.

— APOCALIPSE 21:5



CONDADO DE CARONTE

O Condado de Caronte foi fundado sobre derramamento de sangue e trevas.

Tanto no sentido literal quanto no figurado.

Até seu nome é envolto em sombras e morbidez. Reza a lenda que deveria se chamar Condado de Charlotte, ou de Charles, porém, os mais velhos da cidade esperaram demais e os nomes já haviam sido usados em outros lugares quando decidiram unir seu assentamento recente. Segundo contam, eles apenas foram descendo o dedo pela lista de nomes até optarem por Caronte, o barqueiro dos mortos. Aqueles homens, com a pele marcada pelo tempo e as mãos calejadas, nomearam a nova cidade sem considerar sua natureza macabra. Ou talvez apenas tenham gostado da referência, pois um rio corta a cidade e deságua no Chesapeake, tal qual o Estige.

Quem sabe? Quem poderia saber os pensamentos desses homens, mortos há tanto tempo?

O que se conhece: em 1805, na calada da noite, um grupo de donos de terras brancos, irritados com os limites de seu destino manifesto, ateou fogo na última aldeia indígena da península em forma de lágrima, que se tornaria o Condado de Caronte.

Quem conseguiu escapar das chamas foi abatido por mosquetes, sem distinção de idade, gênero ou enfermidade. Essa foi a primeira de muitas tragédias na história de Caronte. O canibalismo no inverno de 1853. A epidemia de malária em 1901. O envenenamento no piquenique das Filhas Unidas da Confederação em 1935. O assassinato, seguido de suicídio, da família Danforth em 1957. Os afogamentos no batismo do retiro de avivamento em 1968, e assim

por diante. O solo do Condado de Caronte, como o da maioria das cidades e condados do sul dos Estados Unidos, foi semeado com gerações de lágrimas. Lugares onde se celebrava a violência e o caos como pilares do espírito pioneiro a cada comemoração em praça pública do Dia dos Fundadores.

Sangue e lágrimas. Violência e caos. Amor e ódio. Estas foram as rochas sobre as quais o Sul foi erguido. A fundação que sustentava o Condado de Caronte.

Se surgisse uma oportunidade de perguntar a alguns cidadãos, a maioria diria que essas coisas ficaram no passado, que o rio do tempo, que flui adiante, levou tudo isso embora. Diriam até que essas coisas deveriam ser esquecidas e deixadas para trás.

Contudo, se o xerife Titus Crown fosse um dos entrevistados, ele diria que qualquer pessoa que acredite nisso seria uma tola ou mentirosa. Ou ambas. E se você tivesse falado com ele após aquele longo outubro, o homem diria que talvez o alicerce de Caronte estava podre, fétido e totalmente corrompido, não só na carne, mas na alma. Que, talvez, as rochas sobre as quais o Sul fora erguido estavam se movendo e rachando, como a pedra em que Moisés fincou o cajado. Porém, em vez de água, apenas jorriam sangue pútrido.

Talvez o xerife toque, distraído, as cicatrizes na face ou no peito, fite seus olhos e fale, naquele sussurro áspero que sua voz se tornara:

“O Sul não muda... você pode tentar esconder o passado, mas ele volta de formas bem piores do que antes. Formas terríveis.”

Talvez ele suspire, desvie o olhar e diga:

“O Sul não muda... o que muda são os nomes, as datas e os rostos. E, às vezes, nem mesmo isso muda. Às vezes, o mesmo dia e os mesmos rostos o esperam quando você fecha os olhos.

“Esperam no escuro...”

AMOSTRA





UM

Titus acordou cinco minutos antes de seu despertador tocar às 7h, e preparou uma xícara de café na cafeteira que Darlene lhe dera no Natal passado. Na época, ele achou um presente caro, afinal estavam juntos havia apenas quatro meses. Agora, Titus precisava admitir que era um presente porreta, e estava grato por tê-la.

Ele dera um perfume para Darlene.

Ao pensar nisso, quase fez uma careta. Se conhecer seu par fosse um esporte olímpico, Darlene ganharia medalha de ouro. Titus não chegaria nem na de bronze. Nos últimos dez meses, ele se forçou a tentar melhorar na arte de dar presentes.

Titus tomou um gole do café.

Sua última namorada antes de Darlene dissera que ele era um namorado excelente, mas péssimo em relacionamentos no geral. Titus não discordava.

Tomou outro gole.

Ouviu o ranger das escadas enquanto seu pai descia até a cozinha. O lamento melancólico da madeira antiga causara bastantes problemas a ele e a Marquis em mais de uma noite de sexta-feira, até Titus parar de chegar tarde e Marquis não voltar mais para casa.

— Ei, aproveita que você tá parado aí de cueca boxer e me faz um café chique nessa máquina — pediu Albert Crown.

Titus viu seu pai mancar até a mesa da cozinha e sentar confortavelmente em uma das cadeiras metálicas revestidas de vinil, que deixariam um designer de interiores hipster eufórico com o retrô nouveau dos móveis. A cirurgia de reparação de quadril de Albert já fizera um ano, mas ele ainda andava com muito cuidado. Por teimosia, se recusava a usar bengala, mas Titus via como seu rosto negro e de pele macia se contorcia como nós górdios muito apertados

quando uma tempestade atingia a baía, ou quando a temperatura começava a cair como uma chumbada de pesca.

Albert Crown ganhara a vida naquela baía durante 40 anos, recolhendo armadilhas de caranguejo seis dias na semana, catorze horas por dia, no litoral de Piney Island, em barcos que pertenciam a uma gente que mal o via como homem. Não tinha seguro, nem plano de aposentadoria, mas aqueles dias totalmente exaustivos e a frugalidade da mãe de Titus permitiram que construíssem uma casa de três quartos na rua Pescoço do Pastor. Eles eram a única família, contando negros e brancos, com uma casa sobre uma fundação de verdade. Quando o imóvel cresceu como uma rosa entre ervas daninhas na floresta de casas móveis que o cercava, a inveja cruzou a divisa das cores e uniu os vizinhos.

— Quando nos aposentarmos, podemos ficar sentados na varanda em cadeiras de balanço combinando, e acenar para Patsy Jones quando ela passar de carro revirando os olhos — dissera Helen, a mãe de Titus, para o pai dele certa noite, sentada à mesa da cozinha, em um dos raros fins de semana em que ele não estava batendo perna no Watering Hole ou no Grace's Place.

Titus colocou uma xícara na cafeteira, enfiou uma cápsula no filtro e ajustou o timer.

Todavia, como em tantas coisas na vida, o plano tão trivial de aposentadoria de sua mãe não estava fadado a acontecer. Ela morreu muito antes de conseguir se aposentar da Fábrica de Bandeiras Cunningham. Porém, Patsy Jones ainda passava de carro e revirava os olhos.

— Você botou qual aí? — indagou Albert.

Abriu o jornal e começou a passar o dedo pela página. Titus conseguia ver sua boca se mexendo ligeiramente. Sua mãe fora uma leitora mais aventureira, mas seu pai nunca deixava o sol se pôr sem ler o jornal.

— Avelã. O único que você gosta — respondeu Titus.

Albert riu.

— Não conta isso pra garota. Ela conseguiu o pacote por um precinho camarada. Muito legal da parte dela. — Ele lambeu a ponta do dedo e virou a página. Assim que o fez, puxou o ar entre os dentes e resmungou. — Aqueles racistinhas não dão trégua, né? Agora

vão fazer um maldito desfile para aquela estátua. Os caras tão putos porque alguém finalmente teve coragem de dizer que o avô deles é um traidor, um assassino e não vale merda nenhuma — vociferou Albert.

— Tem duas semanas que Ricky Sours e os Filhos dos Veteranos Confederados vêm todo dia bater na porta do meu gabinete — disse Titus, e deu outro gole no café.

— Pra quê? — perguntou Albert.

— Querem ter certeza de que o xerife vai “cumprir seu dever e manter o controle da multidão” caso apareça algum manifestante. Você sabe, como o Ricky é caucasiano, eles acham que vou naturalmente me opor, por causa da minha ancestralidade — respondeu Titus, mantendo a voz calma e equilibrada, como aprendera no FBI, mas percebeu que seu pai o olhava por cima do jornal.

Albert balançou a cabeça.

— Esse Sours não falaria isso pro Ward Bennings. Talvez o Ward até fosse marchar com eles, com estrela no peito e tudo. Raízes uma porra. Ele quis dizer que você é um homem negro e ele é um racista. Meu Deus, filho, às vezes me pergunto como você aguenta isso — comentou.

— Fácil. É só imaginar Sherman chutando a boca dos bisavôs assassinos e traiçoeiros deles. É assim que fico zen — brincou Titus, a voz ainda calma, mas Albert desatou a rir.

— Sexta passada, na loja, Linwood Lassiter perguntou a um dos caras com adesivo na picape por que não constroem uma estátua do... como é o nome daquele lá? Do negócio que fazem com ovos? — questionou Albert.

— Benedict Arnold!? — sugeriu Titus.

— Isso. Por que não fazem uma estátua pra esse sujeito, se gostam tanto de traidores? O cara da picape falou alguma coisa de herança, história, e Linwood respondeu “beleza, que tal uma pro Nat Turner²”? O homem entrou na picape, cantou o pneu e jogou fumaça preta na gente. Mas não respondeu — contou Albert.

Titus estreitou os olhos.

1 Militar norte-americano que lutou na Guerra da Independência dos Estados Unidos (1775–1783), mudou de lado e apoiou os britânicos. [N. da T.]

2 Revolucionário negro norte-americano que nasceu escravizado e liderou uma rebelião antiescravagista em 21 de agosto de 1831. [N. da T.]